

Qual palavra faz corpo?¹

Aline Fiamenghi

Resumo

Apresentamos algumas ideias sobre o corpo a partir das concepções de Jacques Lacan e de outros autores do Campo Lacaniano, a fim de articular como a função poética engaja o corpo na clínica. O poético como possibilidade de ressoar outra coisa que não o sentido, fazendo função de furo com efeito no corpo, resposta singular de como a linguagem produz sujeito. Nessa articulação entre corpo e função poética, que chamaremos de corpoética, a ética do desejo como um terceiro elemento, uma resposta singular dos efeitos/afetos a partir de uma psicanálise.

Palavras-chave:

Corpo; Poética; Afeto.

Wich word makes body?

Abstract

We present some ideas about the body in Jacques Lacan and other authors in the Lacanian Field in order to articulate how the poetic function engages the body. The poetic as a possibility of resonating something other than meaning, making a hole function, and the body as a singular response to how language affects the subject. In this articulation we will call “bodypoetics,” the ethics of desire as a third element, a singular response to the effects/affects from a psychoanalysis.

Keywords:

Body; Poetic; Affection.

¿Qué palabra hace cuerpo?

Resumen

Presentamos algunas ideas sobre el cuerpo en Jacques Lacan y otros autores del campo lacaniano con el fin de articular qué de la función poética involucra el cuerpo. Lo poético como una posibilidad de resonar algo que no sea significado,

1 Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional da EPFCL-Brasil 2018.

haciendo que un agujero funcione, y el cuerpo como una respuesta singular a cómo el lenguaje afecta al sujeto. En esta articulación llamamos a la ética del deseo “cuerpoética” como tercer elemento de esta conexión, una respuesta única a los efectos/afectos desde una psicoanálisis.

Palabras clave:

Cuerpo; Poética; Afeto.

Quel mot fait corps ?

Résumé

Nous présentons quelques idées sur le corps en nous basant sur les concepts de Jacques Lacan et d'autres auteurs Lacaniens afin d'articuler comment la fonction poétique engage le corps dans la clinique. La poétique comme possibilité de faire résonner autre chose que le sens, faisant la fonction du trou dans la conscience et produisant son effet sur le corp, elle est une réponse singulière de comment le langage peut produire le sujet. Dans cette articulation entre le corps et sa fonction poétique que nous appellerons « corpoética », l'éthique du désir en tant qu'un troisième élément de cette connexion, une réponse singulière des effets/afects a partir d'une analyse.

Mots-clés :

Corps ; Poétique ; Affection.

A construção do corpo se dá como uma montagem a partir dos orifícios e de um dizer. Na formação do eu, pedaços de corpo que formam um outro. A libido atravessa as partes e determina os modos como um corpo se satisfaz, as muitas formas de usar e gozar do corpo. Esse “mito fluídico” (Lacan, 1974, inédito) garante que o corpo seja todo ele uma zona erógena. Mesmo que se possa fazer uso dele, é sempre um uso não todo. O eu não é mestre de seu corpo, o que aponta para um radical outro, um Heteros. O corpo não seria mais um nome do estranho familiar?

No contato traumático do bebê com seu cuidador, o desencontro fundamental: o bebê grita, pois esse é o primeiro uso do orifício oral; quem cuida responde, mas a resposta nunca é exatamente o que o grito demandava. Segundo Nagem (2018), o desencontro, o desapontamento e a desproporção são as vertentes em que os corpos se constroem e os sujeitos se enlaçam. O que determina os modos de en-

laçamento é algo muito pequeno, uma pequena cena montada no instante mítico da divisão. “O quão pequeno deve ser um pensamento para preencher uma vida inteira?”, transmite-nos Steve Reich em sua peça *Proverb*, de 1995.

Esse desencontro inicial deixa uma marca. Marca o corpo com uma abertura, uma passagem. Posteriormente, falar é a experiência de ocupar essa passagem e construir um corpo próprio. O convite à fala, acreditando que ela terá algo a dizer, é o que pode a psicanálise diante desse traumatismo inerente.

Spinoza (2008), em sua *Ética*, tece uma importante consideração acerca da relação do corpo e do afeto. Primeiro, aponta que podemos pensar a afetividade humana de maneira distinta daquela pela qual foi pensada pela tradição, isto é, não apenas do ponto de vista da paixão, mas também da ação. Compreende as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. O que parece nos interessar aqui é a ideia do corpo como lugar do afeto. Um modo de existência definido pela possibilidade de ser afetado.

Se pensarmos a angústia, o afeto que não engana, ela nos evidencia uma afecção indissociada do corpo. Como a potência de ação é diminuída ou aumentada a partir desse afeto? Não é difícil escutarmos na clínica o relato da angústia referido a uma sensação corporal, a uma necessidade de localização, como uma mão no peito, aperto, dificuldade de respirar e despersonalização. A angústia é o puro corpo ou o medo dele, a sensação de que algo cai como um véu, reduzindo-se ao corpo oco.

Pensar a angústia como índice significa que, onde desponta a angústia, o real espreita. O sujeito da angústia em relação ao tempo e ao espaço, distante ou muito perto do objeto *a*. Colocar palavra, encadear, traz outra dimensão do corpo; a palavra do corpo faz borda para o corpo da palavra, essa mansão dos ditos que enoda o sujeito.

Apresento aqui algumas ideias de nosso campo que sustentam o corpo nas três dimensões: real, simbólico e imaginário.

Podemos pensar em abordar o corpo em três vertentes: da pulsão, da imagem especular e do gozo, às quais podemos fazer corresponder as dimensões do simbólico, do imaginário e do real, e o denominador comum do falo, que viria atar em nó de significação.

O corpo imaginário, a princípio como imagem, como formador da função do eu no estádio do espelho, em seguida como veste, pele ou casca. O corpo simbólico como linguagem, o *corpse*, que adquire uma vida pós-morte. Por fim, no real como mistério do corpo falante, que de alguma forma abarca carne, resto e gozo.

A partir do *Seminário 10*, Lacan (1962-1963/2005) articulou o corpo imaginário ao real do corpo, à carne, ao objeto *a*:

(...) quando se desliga do corpo da imagem, a imagem especular, assiste-se a sua redução a um estado cedível, a pedaços de corpo. Do corpo imagem, invólucro e pele ao corpo real, carne, objeto *a* (...). Do corpo imagem ao corpo real sem nenhuma borda. Eis a abertura da angústia. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 97)

E, algum tempo depois, em *A terceira* (1974, inédito): “Esse sentimento que surge da suspeita que nos ocorre de nos reduzirmos ao nosso corpo.”

A redução ao corpo, ou a essa queda como experiência da angústia, precisa de palavra. Seria possível pensar que exatamente aí a função poética pode incidir para fazer borda. O poético como borda porosa e não delimitada, um litoral que circunscreve um campo inexato, visa a uma escrita, algo da letra, daquilo que aparece como rasura de nenhum traço que seja de antes. A interpretação pela função poética como borda, não bordado, deixa o furo furado mesmo e circunscreve uma beira.

Em *Radiofonia*, Lacan (1970/2003) nos apresenta a estrutura pelo corpo. O valor de signo do significante como índice de gozo: “É incorporada que a estrutura faz o afeto (...) afeto a ser tomado apenas a partir do que se articula do ser” (Lacan, 1970/2003, p. 406). Seguindo: “Nada senão ele isola o corpo, a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apóia não sabe que é a linguagem que lhe confere, a tal ponto que ele não existiria se não pudesse falar” (Lacan, 1970/2003, p. 406). O afeto é incorporado pela linguagem. O *corpse* adquire um além vida, a dimensão de um corpo falado.

Não obstante as referências “tridimensionais” ao longo de *Ensino*, em 1973-1974, Lacan ainda afirma que o imaginário é o corpo, o que causa um estranhamento. As relações entre corpo e imagem desde o estádio do espelho estão claras, o afeto como efeito da linguagem no corpo e esta como resposta às marcas de lalíngua também, contudo a localização do corpo no nó borromeo permaneceu constrangida.

Segundo Soler (2019, p. 19), quando Lacan diz “o imaginário é o corpo”, ele já não designa somente a imagem, nem somente a representação. O imaginário, como dirá, tem uma consistência que é real, quer dizer, vai mais além da imagem.

Segundo a autora, o sujeito não é a carne, mas, sim, a falta dela, porque é representado pelo significante na cadeia; ele não é seu corpo, mas o tem (Soler, 2019, p. 23). Detenho-me em “o sujeito não é a carne” exatamente porque não é sem a carne “os membros que fazem esse discurso inconsciente” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 299). A carne cedida na inscrição do significante, carne marcada por lalíngua, signo de perda marcado no corpo também em sua fisicalidade. Uma psicanálise é feita de corpos que se encontram e ressoam ditos até que se possa escutar o dizer.

O analista é uma presença real, que ecoa as ressonâncias desse dizer sem palavras, nas muitas voltas dos ditos de um tratamento. O indizível é audível logicamente.

O poético toca o corpo

A partir de Jakobson (2010), entendemos a poética como uma estrutura verbal que faz parte da linguística. Nessa estrutura, o enfoque na mensagem é a função predominante. Essa mensagem deriva principalmente do som, do acento e do ritmo. Portanto, não se pode isolar a função poética da fonética.

Em uma aproximação que nos interessa, Valéry (2011) sugere que a poética estaria mais próxima da *poiesis* (um modo específico do fazer grego, “trabalho poético”) do que da poesia como a conhecemos formalmente. Poética e poesia não idênticas, mas encontrando-se na combinação fabricada, na hesitação entre som e sentido e no uso da metáfora, que tem raiz metonímica e produz ambiguidade e pluralidade de sentidos. A função poética torna a função referencial ambígua.

Octavio Paz (1967) corrobora essa ideia, na medida em que libera o poético para além dos poemas; há poesia sem poema, ele escreve. Paisagens, pessoas e fatos muitas vezes são poéticos, são poesia sem ser poema. O poético está em estado amorfo, é alheio à vontade. Em última instância, o poético é um modo de conhecer/descobrir o mundo.

O mais importante é distinguir que não se trata de uma construção métrica, mas de uma função.

Nascemos poema como falasser. No entanto, não há ainda poeta, pois o que se apresenta é o saber sem sujeito do inconsciente-lalíngua. Trata-se de um poema sem sujeito. Por esse motivo, Lacan enfatiza que nasceu poema, mas não-poeta (*papoète*), pondo em jogo lalíngua. A determinação poética produz sentido e ocorre a partir das possibilidades fônicas da língua, valendo-se das figuras de linguagem, como a paronomásia, o anagrama, a onomatopeia e a sinestesia, considerando que apareceria um efeito de sentido partindo da equivalência entre sentido e som, como a atualização dos fatos do real de lalíngua, e não o efeito da retração temporal do significante no simbólico.

O forçamento (*forcing*) é uma forma de operar com a mesma visada, fazer ressoar outra coisa que não o sentido:

Se vocês são psicanalistas, vocês verão que é o forçamento por onde um psicanalista pode fazer ressoar outra coisa que não o sentido (...). O sentido, isso tampona, mas com a ajuda daquilo que se chama escritura poética (chinesa) vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica. (Lacan, 1976-1977, aula de 18 de abril)

Logicamente, podemos forçar igualdades/semelhanças, pertencimentos ou negações, de forma que se possa negar sem afirmar, ou seja, pela suspensão do sentido. Ao forçar o indiscernível, estabelece-se o indecível. Sendo o vazio indiscernível como termo (pois é não um), sua ocorrência inaugural é puro ato de nomeação. Esse nome não pode ser específico, não pode classificar o vazio no que quer que seja que o subsuma (Badiou, 1996, p. 55).

Podemos pensar o exemplo conhecido da interpretação de Lacan a partir do significante “gestapo”, de sua paciente Suzanne Hommel. Contando da angústia que a fazia acordar durante as madrugadas, quando aconteciam as costumeiras invasões da Gestapo às casas, Lacan certo dia pula de sua poltrona e a surpreende com um leve carinho na bochecha. Segundo ela, o analista transforma “gestapo” em “*geste à peau*”, sem palavras, em ato, produzindo equívoco. Função poética que opera pelo corpo do analista na marca de corpo da analisante.

Cito Lacan (1976-1977, p. 18): “é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja algo no significante que ressoe (...). O equívoco é a única arma contra o *sinthoma*”. Extraímos que a intervenção do analista deve ser na direção do equívoco, do enigma e da repetição do “não há relação sexual”, que descontinua.

Onde a neurose produz excesso de significação e fixação, o analista força o vazio, mantendo aberto o enigma. Podendo inclusive decifrar e ao mesmo tempo manter enigmático, porque sempre aparecerá algo que não estava lá. Decifrar como produção de cifra em vez de sentido, de algo que quer dizer, uma escrita. Ler o não idêntico, não pela negação do sentido, mas pela suspensão. Forçar a suspensão dos sentidos e o indecível como táticas de abertura. Operar com o poético.

Outro recorte clínico, menos ilustre: uma analisante está em entrevista, muito angustiada por ocasião do divórcio, e conta um sonho, “Estava andando na rua e me deparo com um muro, nele estava escrito A e Z.” As associações vão no sentido do “sem saída”, “fim”...; a analista corta a sessão: “A a Z, o percurso de sua análise.” Suspensão que circunscreve um finito aberto e visa a instaurar o indecível, convidando à entrada em análise.

O efeito do ato pela função poética não pode ser recolhido senão por algum efeito no corpo analisante; algo do dizer passa a ser (en)corporado, encore, *en corps*, e é trazido de volta como susto/suspensão. Nessa articulação do poético como ato que toca o corpo, uma direção corpoética. A ética do desejo como terceiro elemento a partir dessa ligação, resposta singular dos efeitos/afetos da linguagem.

Novarina (2009), dramaturgo francês, lembra-nos que no teatro a poesia é ativa: “o mundo não tem que ser descrito, nem imitado, nem repetido, mas deve ser de novo chamado pelas palavras. Ide e anunciai em toda parte que o homem ainda não foi capturado!”

Referências bibliográficas

- Badiou, A. (1996). *O ser e o evento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gianesi, A. (2011). Do corpo e da causa: pontuações sobre a práxis psicanalítica. *Revista Stylus*, 20. Rio de Janeiro.
- Jakobson, R. (2010). *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Lacan, J. (1973-1974). *O seminário, livro 21: les non dupes errent*. Inédito. (Publicação não comercial)
- Lacan, J. (1974). *A terceira*. Inédito. (Publicação não comercial)
- Lacan, J. (1975-1976). *O seminário, livro 24: l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito. (Publicação não comercial)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959)
- Nagem, G. (2018). Vale tudo. Só não vale ficar homem com homem e nem mulher com mulher. *Revista Stylus*, 35. Rio de Janeiro.
- Novarina, V. (2009). *Diante da palavra* (2a ed.). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Paz, O. (1967). *O arco e a lira* (2a ed.). São Paulo: Cosac Naify.
- Pollo, V. (2012). *O medo que temos do corpo: psicanálise, arte e laço social*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro.
- Reich, S. (1995). *Proverb*. Recuperado de <https://steverreich.com/composition/proverb/>
- Soler, C. (2019). *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002*. Salvador: Ágalma.
- Spinoza, B. (2008). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1677)
- Valéry, P. (2011). *Variedades*. São Paulo: Iluminuras.

Recebido: 01/03/2022

Aprovado: 15/03/2022